

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

**DESAFIOS DA GESTÃO DOS MUSEUS NÃO
INSTITUCIONALIZADOS:
O CASO DO MUSEU GRUPPELLI**

Adriana Silveira Cardoso

Orientador: Prof. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2012.

Adriana Silveira Cardoso

**DESAFIOS DA GESTÃO DOS MUSEUS NÃO
INSTITUCIONALIZADOS:
O CASO DO MUSEU GRUPPELLI**

Trabalho apresentado ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2012.

Banca examinadora:

Prof. Diego Lemos Ribeiro (orientador)

Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues Gastaud

Pelotas, 2012.

Dedico esse trabalho as duas pessoas mais especial da minha vida, minha mãe Zeli e minha irmã Luciana, pois sempre estiveram me ajudando, apoiando e incentivando.

Agradecimentos:

Ao longo dos quatro anos vividos na graduação muitas pessoas passaram pela minha vida e essas pessoas fizeram parte de uma história que agora se aproxima do fim. Algumas deixaram suas marcas, conhecimentos e lições, porém, todas foram, e ainda o são, importantes para mim.

Neste momento gostaria de agradecer a algumas destas, direta e até mesmo indiretamente, mas é sempre bom deixar claro que a ordem aqui utilizada não delega importância, pois, esta é somente uma forma de agradecer a importância de cada um que me auxiliou para que esse trabalho se tornasse realidade.

- Em primeiro lugar, e não poderia ser diferente, agradeço a Deus, pois foi Ele que me deu o dom da vida e a chance de, ao longo dos meus 21 anos, realizar meu sonho transformando o impossível em possível;

- Agradeço de coração aos professores e funcionários do Curso de Bacharelado em Museologia, pois, sem o esforço e dedicação de todos vocês com certeza eu não estaria onde estou hoje;

- Com grande admiração agradeço aos meus mestres (não entendam que agradeço os professores com mestrado, pelo contrário, falo daqueles que sempre foram mais do que professores e deram muito mais do que aulas) Daniel Souza, Rogério Rosa, Maria Letícia Mazzucchi, Pedro Sanches, Mari Lucie, Francisca Michelon e Wilson Marcelino Miranda, por terem me ensinado a sair do comodismo da escola e passar a pensar e entender os Museus e a Museologia. Agradeço por cada oportunidade e puxão de orelha, serei eternamente grata a todos;

- Agradeço imensamente (na verdade é impossível expressar em palavras a gratidão que sinto) ao meu querido amigo, coordenador e orientador Diego Lemos Ribeiro. A você agradeço os chingamentos, cobranças e elogios, enfim... você ajudou a construir a pessoa que sou hoje, e até mesmo a profissional que serei num futuro próximo;

- A professora Nóris Leal que teve grande participação na minha formação, me ensinando, tirando duvidas, e até mesmo às vezes rindo das minhas bobagens, mas que mesmo assim me confiou estágios que com certeza me deram grande parte da experiência que posso hoje;

- Aos meus colegas de graduação por cada debate, exposição, briga, aula, palestra e tudo o mais que passamos juntos. Com certeza absorvi um pouco de cada e os levarei sempre na minha memória e coração. Porém, em especial agradeço a amizade da Taimara e da Suelen, amigas estas que, desde o primeiro semestre no ano de 2008, foram inseparáveis, a vocês todo o meu carinho e admiração;
- Agradeço as equipes dos museus que estagiei ao longo da graduação: Museu da Baronesa, Museu do Colégio Municipal Pelotense, Projeto Região do Anglo, Museu Gruppelli e Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, obrigada por terem me acolhido;
- Agradeço a minha irmã - a mana -, a Nathi, a Leti e a Sandrinha, vulgo “malvadinhas”, pelo apoio, dicas e momentos de lazer que passamos juntas, pois, graças ao Curso de Bacharelado em Museologia pude conhecê-las e logo, receber de vocês essa amizade incondicional;
- A família Gruppelli, em sua totalidade, agradeço a receptividade e carinho. Agradeço por terem me recebido como sendo parte da família dentro da casa de você, com certeza nunca os esquecerei. E claro que não podia faltar... agradeço as Gruppellets Caroline Oliveira, Renata Castro, Tauana Mota e Fátima Wasenkeski;
- Aos amigos da JUBRAC-Pel que acompanharam minha trajetória desde o inicio e sempre me apoiaram (são muito então não vou citá-los por nome), e a minha “cumade” Fran e comadre Filipe Tavares, assim como minha afilhada Rafinha e o afilhado Lipinho;
- A minha família: mãe, irmã e pai em especial (respectivamente Zeli, Luciana e Paulo), e as crianças da minha vida (Rui, Maria, Yago, Tainá e Giulli) que a cada dia me recebem com um sorriso, carinho e amor, e o amor da forma mais genuína possível. Obrigada “meeeeesmo” por cada choro, conversa, grito e correria que me distraiam muito ao escrever este trabalho, me fazendo escrever na madrugada que é horário de criança dormir. Agradeço a tia Zenilda por ser minha segunda mãe e ao tio João por ser um segundo pai, e ambos por estarem sempre presentes na minha vida, assim como a Roberta que conseguiu me aguentou nestes últimos dias.

Enfim... A todos que já falei, muito obrigada por acreditarem em mim. Sem sombra de dúvida vocês são meu maior patrimônio.

“[...] mais do que depositário de um patrimônio ou de uma memória, o Museu na contemporaneidade é um espaço de construção de uma idéia de estar no mundo; o Museu é, portanto, um espaço relacional entre os homens e as coisas. Dizer que museus são instituições que apenas coletam, preservam, estudam e divulgam uma determinada produção artística é reduzir a missão dos museus ao cumprimento de funções que são, sem dúvida, muito importantes, mas insuficientes para atender o que hoje se espera deles.”

(MOACIR DOS ANJOS)

RESUMO

CARDOSO, Adriana Silveira. **Desafios da Gestão dos Museus não Institucionalizados: o Caso do Museu Gruppelli.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.

A presente monografia analisou as formas de gestão de acervos desenvolvidas pelo Museu Gruppelli e Museu Antropológico Diretor Pestana, considerando a institucionalização, ou não, destes locais de salvaguarda e observando os processos de documentação museológica e processamento de dados. Tal estudo baseou-se em documentos relevantes para a prática de gestão museológica, tais como: Política de aquisição, Regimento Interno, Ficha Catalográfica, entre outros. Amparado em tais informações esta pesquisa objetiva descobrir se os museus não institucionalizados (os museus diferentes) necessitam se adequar aos parâmetros pré-estabelecidos pela academia.

Palavras-chave: Gestão de Museus, Museu Diferente, Museu Gruppelli, Museu Antropológico Diretor Pestana.

Lista de Figuras:

FIGURA 1: A bandeira nas dependências da família Gruppelli.....	34
FIGURA 2: Parque para o lazer.....	35
FIGURA 3: Prédio que abriga o MG.....	37
FIGURA 4: Prédio que abriga o MADP.....	41
FIGURA 5: Climus.....	48
FIGURA 6: Alarmes no MADP.....	49
FIGURA 7: Cadeado do MG.....	49
FIGURA 8: Reserva técnica do MADP.....	50
FIGURA 9: Reserva técnica do MG.....	50

Lista de Gráficos:

GRÀFICO 1: Comparativo de visitação.....	51
--	----

SIGLAS

MG: Museu Gruppelli

MADP: Museu Antropológico Diretor Pestana

RT: Reserva Técnica.

RI: Regimento Interno

SUMÁRIO

1- Introdução.....	12
2- Capítulo 1: Os processos de Gestão dos Museus.....	17
1.1- As ações de gestão até a Revolução Francesa.....	17
1.2- A institucionalização dos museus na atualidade.....	22
1.3- A museologia diferente.....	26
3- Capítulo 2: Os processos de gestão dos museus.....	32
2.1 – A escolha.....	32
2.2 – Objetos de Pesquisa.....	33
2.2.1 – O Museu Gruppelli.....	34
2.2.2 – O Museu Antropológico Diretor Pestana.....	40
2.3 – Dados obtidos.....	44
4- Considerações finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	55
Anexos.....	58

INTRODUÇÃO:

Atualmente os museus se preocupam a cada dia mais com os padrões de qualidade que tangenciam as ações museológicas, que vem em busca de um melhor funcionamento das instituições museais e impulsionados por documentos que regulamentam e padronizam o fazer museológico, e foi em resposta a isso que nossa pesquisa surgiu, ou seja, pelo fato de o objeto investigado não seguir todos estes padrões “a risca”.

A pesquisa tem como tema central a Gestão de Museus, esta que pode ser entendida como um conjunto de ações que torna as atividades museais mais eficazes, e que busca planejar, organizar, dirigir e controlar as dinâmicas efetuadas dentro dos museus que estão relacionadas, sobretudo, ao seu acervo, instalações, equipe, entre outros.

O nosso trabalho centra-se nas formas de se gerir um museu, sendo algumas delas: a gestão do acervo, o inventário e documentação das coleções, a conservação e preservação do acervo, sua exibição, exposição e mostra, o acolhimento do visitante, gestão de pessoal, segurança, entre outros. Em outros termos, nos aspectos ditos fundamentais das atividades dos museus.

Porém, cabe mencionar que elencamos como base a Gestão de Acervos que trabalha diretamente com a aquisição, salvaguarda e comunicação – o tripé da museologia -, logo, dentro do processo de aquisição analisaremos a Política de Aquisição e o Regimento Interno de cada instituição. No âmbito da salvaguarda a Documentação Museológica, Acondicionamento do Acervo em Reserva Técnica, Prédio destinado ao Museu e suas Dimensões assim como a Segurança do local expositivo e o Plano Museológico. Já em relação à comunicação o Livro de Registro de Visitantes.

Agimos alinhados a referenciais teóricos que tratam de gerir um museu e o que a não adaptação aos padrões pode acarretar para os mesmos. Então, elencamos documentos que buscam normatizar as atividades desenvolvidas nos museus, e que, em certa medida, oferecem orientações legais aos profissionais atuantes nesses espaços, sendo: o Estatuto dos Museus¹, o Código de Ética para Museus do ICOM² e o texto “Política de Segurança para Arquivos, Bibliotecas e Museus”³.

A nosso ver os textos listados acima fazem apontamentos relevantes no que se refere aos parâmetros instituídos para um funcionamento otimizado das instituições museológicas, pois assinalam o que todos os museus devem ter e seguir.

As instituições pesquisadas foram o *Museu Gruppelli (MG)*: criado no ano de 1998 como um museu que tem como objetivo conservar e expor objetos que representam os modos de vida da região onde está inserido. Localiza-se na Colônia Municipal da cidade de Pelotas (7º distrito), local onde a Família Gruppelli, oriunda do norte da Itália, se instalou após imigrar para o Brasil, e ao longo da sua permanência na zona rural produziu e conservou um patrimônio que se pode caracterizar como representativo desta localidade.

Assim como o *Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)*: criado no ano de 1961 como um museu com o objetivo de “*oportunizar ao público em geral o acesso ao seu acervo, para estudo, pesquisa, visitação e lazer cultural*”⁴, sendo que, trata da memória e da trajetória das etnias que colonizaram a Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Foram escolhidas devido a vários fatores, dentre eles a realização de estágios por parte da autora deste trabalho em ambas as instituições, que ocorreram desde o inicio do ano de 2010 até meados do ano de 2012, e por

¹ Lei 11.904.

² Conselho Internacional de Museus.

³ Publicação feita pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu Villa-Lobos — Rio de Janeiro, no ano de 2006.

⁴ Trecho extraído do Regimento Interno do Museu Antropológico Diretor Pestana escrito no ano de 2002.

conhecimentos empíricos que a fizeram pensar sobre as dinâmicas dos dois museus.

Após os estágios, seguidos de reflexões sobre estes, tornou-se perceptível que as instituições se igualavam e se distinguiam em vários momentos, porém, fundamentalmente nas formas de gerir suas coleções. Logo, o que norteou a escolha deste tema foi o fato de percebermos que um dos museus – no caso o Museu Gruppelli - não segue todos os padrões de gestão de acervos que aprendemos na academia ao longo da graduação, e ao mesmo tempo consegue cumprir com sua função social.

O elemento determinante para a escolha dos museus a serem comparados, foi o fato de que mesmo cumprindo a mesma função e por vezes desempenhando as mesmas atividades, cada um deles conta com necessidades diferentes e modos de operar frente às necessidades do dia a dia diferenciados.

Como já mencionado, esse trabalho apresenta como objetivo analisar as formas de se gerir um museu a partir da ótica da padronização das ações realizadas nestas instituições. Isso será feito, pois, diferente de instituições de cunho financeiro os museus não possuem “ISO”⁵, ou seja, um controle de qualidade de ações, porém, contam com movimentos de padronização que se materializam em documentos que mostram alguns caminhos que podemos, ou até mesmo devemos seguir para que estas instituições se qualifiquem.

Em contraponto a estes movimentos, temos vivenciado um crescimento expressivo dos museus não institucionalizados. Concordamos, então, com Hugues de Varine quando diz que é grande:

⁵ Termo este usado como abreviação do nome Organização Internacional para Padronização, ou em inglês, International Organization for Standardization, organização esta fundada em 1947 na Suíça, com o fim de aprovar normas internacionais em todos os campos técnicos. Como exemplo temos o ISO 31 para tamanhos e unidades, ISO 216 para formatos e dimensões de papel, entre outros.

o aparecimento, desde 1990, de uma geração espontânea de museus e iniciativas comunitárias ligadas ao patrimônio, no Brasil, e mais particularmente no Rio Grande do Sul, á procura de respostas para as tensões que se manifestam na sociedade brasileira neste final de século. (VARINE, 2000, p.23).

A partir de tal apontamento podemos perceber que na atualidade temos vivenciado uma *museologia diferente*, termo este que é utilizado pelo autor com a finalidade de descrever uma ideia diferenciada de museu e de seus objetivos, caracterizando este como sendo aquele que se distingue em sua concepção normal ou predominante, tal como imposta pelas grandes instituições, os grandes profissionais e as organizações que os agrupam nos planos nacional e internacional.

Então, levando em conta a *museologia diferente* citada acima, podemos dizer que estes museus, geralmente, são aqueles que se encontram fora das normas propostas pelos documentos reguladores, e que ao mesmo tempo não podem, devem ou querem seguir modelo algum, pois, cada caso tem sua especificidade e necessidade.

A realidade destes museus não institucionalizados é bem diferente da vivenciada pelos museus institucionalizados, e “assim como acontece em outras áreas da produção da cultura, a gestão é o elo mais frágil de uma cadeia de necessidades e lacunas não satisfatoriamente resolvidas.” (BLOISE, 2011). Logo, é notório que o desafio da gestão destes museus é complexo, principalmente pelo fato de se encontrarem á margem das padronizações propostas pelos documentos reguladores já citados.

Mas porque estão á margem? Quais são as particularidades destes museus que fazem com que não consigam se adequar ao que é proposto? Eles devem ou não se institucionalizar?

Como metodologia, utilizamos a documentação administrativa e a documentação museológica das instituições elencadas, como: Política de Aquisição de Acervos, Regimento Interno e Livro Tombo. As instituições não

possuem alguns destes documentos, porém, isto não será encarado como um problema, pelo contrário, servirá como dado a ser analisado.

Já como procedimento metodológico partimos da análise dos documentos primários sobre os acervos que trazem a possibilidade de levantamento de dados históricos dos objetos e até mesmo das mentalidades por detrás dessas ações. Essa consulta à documentação estabelecerá uma visão mais geral sobre as aquisições do museu e o seu processamento, já a análise da documentação administrativa ajudará a estabelecer a historicidade dos procedimentos usados para lidar com o acervo.

A relevância dessa pesquisa se dá por se inserir nos debates atuais da Nova Museologia e por fazer parte de reflexões museológicas acerca do patrimônio histórico e cultural, ou seja, uma das principais premissas da museologia contemporânea. Almejamos que a mesma possa servir como base para futuras ações em museus não institucionalizados, e até mesmo para as práticas relacionadas aos cuidados dos nossos bens.

O trabalho foi estruturado em dois capítulos. No primeiro apresentamos, dentro da História dos Museus, alguns movimentos e momentos históricos que, ao longo do desenvolver museológico trouxeram diferenças em relação às ações realizadas dentro destes locais de guarda. Já em um segundo momento, ainda no primeiro capítulo, falamos sobre o que é institucionalização e o que traz para os museus, assim como mostramos tipos de instituição e como se caracteriza a instituição museu. Logo, num terceiro momento, falamos sobre o surgimento dos museus diferentes e suas principais características.

No segundo capítulo partimos para o objeto de pesquisa, sendo assim, explicamos o porquê da escolha das duas instituições, logo após apresentamos os dois museus e suas características. Após apresentamos os dados levantados em cada um destes locais comparando-os e conhecendo as peculiaridades de cada um. Analisamos o livro de visitação dos museus verificando se a gestão diferenciada destes afeta diretamente o público ou não. E por fim faremos a decodificação destes dados respondendo assim as perguntas expostas anteriormente.

CAPÍTULO 1: OS PROCESSOS DE GESTÃO DOS MUSEUS.

Neste capítulo inicial apresentamos alguns momentos que figuraram com os primeiros passos do processo de gestão de acervos ao longo da história dos museus. Na mesma direção apontaremos para os documentos fundamentais que regem o fazer museológico, com o objetivo de alcançar um melhor entendimento sobre o tema proposto no trabalho.

1.1 - As ações de gestão até a Revolução Francesa:

Assim, ao longo dos séculos, o museu caixa-forte de uma coleção reunida por um único homem, encerrada para exposição em um altar esplendoroso para deleite do público, cessa de ser um refúgio nostálgico, tornando-se um serviço público, museu-escola ou museu-laboratório, que, abrindo-se, transpõe seus muros e torna-se um museu aberto onde a comunidade se encontra e expressa. (GIRAUDY, 1990, p.40).

Os museus existem em razão da formação de coleções. Desde a Idade da Pedra o homem pré-histórico já reunia ao redor de si objetos, agrupando-os em determinada ordem⁶. Porém, é com os *gabinetes de curiosidades*⁷ - ou com as *câmaras de maravilhas* dos humanistas do século XVI - que se esboça a primeira forma de controle e cuidados com os acervos, pois existiam, ainda que inicialmente, os processos de aquisição, controle e comunicação, ainda que

⁶ GIRAUDY, Danièle. *O museu e a vida* / Danièle Giraudy, Henri Bouilhet; Tradução Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. - Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro - RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990. 100p.

⁷ Lugares onde se colecionava uma multiplicidade de objetos raros ou curiosos dos três ramos da biologia. Eles eram locais que expunham curiosidades e achados procedentes de explorações, porém, certas vezes, eram instrumentos tecnicamente avançados, amostras de quadros e pinturas, entre outros. (Definição extraída de: GIRAUDY, Danièle. *O museu e a vida* / Danièle Giraudy, Henri Bouilhet; Tradução Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. - Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro - RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990. 100p.).

muito restrito e destinado a pessoas relacionadas com os proprietários. Porém, após os *gabinetes de curiosidades* vivenciou-se a época das galerias, estas que geralmente eram encomendadas pelos monarcas, príncipes e papas para suas residências, com a finalidade de justapor obras excepcionais para o deslumbramento dos seus visitantes⁸, porém, como diz-nos Krzysztof Pomian:

Mas não há só os príncipes: todos aqueles que se situam no alto da hierarquia do poder são levados a desempenhar o mesmo papel; é no quadro de obrigações impostas a cada um pela sua posição que se podem manifestar diferenças individuais, sendo uns mais interessados pela arte, outros pela literatura ou pelas ciências; uns mais tradicionalistas, outros levados a proteger ou a estimular inovações; uns mais parcimoniosos e outros gastando com largueza o seu dinheiro, etc. (POMIAN, 1984, p.78)

Mas é no final do século XVIII e inicio do século XIX, com as conquistas da Revolução Francesa⁹ e o desenvolvimento do nacionalismo, que surge a ideia de que as riquezas, até o presente momento salvaguardadas nos *gabinetes de curiosidades* ou nas *galerias de antiguidades*, deixam de ser propriedade única dos seus donos passando a pertencer ao povo, ao menos em tese, ou seja, deixam de ser coleção para tornarem-se patrimônio¹⁰.

E é então, a partir deste momento histórico, que concretiza-se a necessidade de classificar os acervos e organizá-los de modo sistemático dentro de espaços destinados a guarda, porém, é desde o século XVII que estes movimentos de organização das coleções se iniciam, como podemos ver na citação abaixo:

⁸ GIRAUDY, Danièle. *O museu e a vida* / Danièle Giraudy, Henri Bouilhet; Tradução Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. - Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro - RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990. 100p.

⁹ Nome dado ao conjunto de acontecimentos que alteraram o quadro político e social da França. Ela é considerada o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea, pois, aboliu a servidão e os direitos feudais, proclamando os princípios universais de "Liberdade, Igualdade e Fraternidade".

¹⁰ POMIAN, 1984.

No final do século XVII, inicia-se uma organização mais estruturada das coleções, que passam a ser utilizadas como suportes de demonstração para estudo e difusão. Nesse período, os museus de história natural surgem sendo o primeiro museu de caráter público o Ashmolean Museum, da Universidade de Oxford (Inglaterra, 1683). (CAZELLI, 2003, p.86).

Os museus do século XVIII tinham como característica marcante uma ligação estreita com a academia. A educação voltada para o público em geral não era sua principal meta, mas sim contribuir para o crescimento do conhecimento científico por meio da pesquisa¹¹. E é somente no inicio do século XIX, quando as capitais européias já estão constituindo os seus complexos de museus - como o Museu do Louvre, o British Museum, o Ile dês Musées e a Pinacoteca -, que as coleções deixam de ser somente um instrumento de prestígio e deleite, como acontecia no século XVI. De alguma forma, tais coleções tornam-se também instrumento de estudo e confronto; logo, passam a ser colocadas a disposição do público com a finalidade de contribuir com a educação e formação da consciência nacional.

Embora a ideia de entesouramento permitisse por muito tempo (entesouramento entendido como reserva de valor, embora não fosse totalmente excluído do olhar de determinados indivíduos), a iniciativa de apresentação das coleções ao público de forma mais organizada, visando à formação do gosto e do espírito da nação, passa a constituir-se em uma tendência para a consolidação do caráter público do museu. (VALENTE, 2003, p.28).

As coleções - conjunto de objetos reunidos e classificados para a instrução e deleite do povo - eram advindas do acaso, e há alguns anos que os museus se conscientizaram da necessidade de ordenar suas coleções, porém, não mais em função do “gosto” de seu responsável/colecionador, ou da raridade e preço de determinado objeto, como dava-se nos gabinetes de curiosidades, mas sim a partir de critérios científicos e das necessidades do seu público. E, vindo ao encontro disto, foi que o ICOM¹² estabeleceu normas internacionais, e também, outros textos foram publicados falando acerca deste assunto.

¹¹ CAZELLI, 2003.

¹² Conselho Internacional de Museus.

Porém, antes mesmo do ICOM e outros órgãos exporem parâmetros e diretrizes para o fazer museológico, e até mesmo anteriormente a Revolução Francesa, já existiam movimentos, documentos e medidas importantes que favoreciam a dimensão organizacional das coleções, sendo: a Revolução Científica e o livro *Museographia* de 1727.

Indo ao encontro destes, temos num primeiro momento a Revolução Científica, esta que se iniciou na primeira metade do século XVI e estendeu-se até o século XVIII. Ela que muda os conceitos tradicionais pelo domínio da razão¹³. É a partir deste período que a ciência separa-se da Filosofia e passa a ser um conhecimento mais estruturado e prático, desenvolvendo formas empíricas de se constatar os fatos.

La nueva concepción racionalista del mundo conduce indefectiblemente al desarrollo de la investigación y de la crítica; lo que junto con los descubrimientos de las ciudades romanas de Herculano y Pompeya desembocará em uma maior valorización de las civilizaciones de la antiguedad y em um florecimiento más extendido del coleccionismo. (FERNÁNDEZ, 2001, p.55)

Cabe citar que, até a Idade Média o conhecimento humano estava diretamente ligado à religiosidade. Já a ciência, como citada anteriormente, estava ligada a Filosofia, sendo assim, possuía muitas restrições, mas, com o florescer de novos pensamentos, permitiu-se uma reformulação no modo de se constatar as coisas, enxergar e investigar o mundo. A Revolução Científica tornou o conhecimento mais estruturado e prático, absorvendo assim o empirismo como mecanismo para consolidar as constatações. E foi esse período que marcou uma ruptura nas práticas científicas da Idade Média, pois, a ciência ganhou novas ferramentas e passou a ser mais aceita¹⁴.

As comprovações empíricas ganharam espaço diminuindo as influências místicas, o conhecimento ganha impulso para ser difundido e o uso da matemática passa a ser fonte para demonstrar a verdade, logo, a Revolução Científica ajudou no desenvolvimento de um método científico mais rigoroso e crítico, sendo assim, trouxe uma dimensão organizacional para as coleções,

¹³ FERNÁNDEZ, 2001.

¹⁴ POMIAN, 1984.

tornando-se uma das raízes da gestão de museus, sobretudo no que se refere à conservação dos dados, nesse caso, o próprio acervo coletado.

Já *Museographia - termo em latim -*, escrito pelo mercador Gaspar F. Neickel de Hamburgo/Alemanha, no ano de 1727, foi o primeiro tratado sobre o tema Museologia, onde com este documento os colecionadores amadores já podiam contar com um guia geral que tratava da classificação dos objetos e dos cuidados que deveriam ter para conservá-los¹⁵. Nela:

se dan consejos o normas sobre la exposición de los objetos, la manera de conservalos y su estudio. Uno de los ejemplos más ilustrativos de la transformación de uma colección principesca em museo se observa em Viena. (HERNÁNDEZ, 1998, p.23)

Logo, dava conselhos aos colecionadores sobre como deveriam escolher os espaços expositivos, como conservar os acervos e como organizar as suas coleções, caracterizando-se assim como mais uma raiz da gestão de museus.

Porém, é com a Revolução Francesa que isto se concretiza, antes o que era movimentos neste momento da história torna-se fato, logo, como citado na introdução deste trabalho, ela traz a institucionalização para os museus, tornando bem público as coleções que até então eram particulares¹⁶.

Tal historicidade dos museus nos aponta para um amadurecimento dos procedimentos de gestão de acervos, mesmo que ainda não amplamente difundido e padronizado.

¹⁵ VALENTE, 2003.

¹⁶ POMIAN, 1984.

1.2 - A institucionalização dos museus na atualidade:

Com efeito, que é uma instituição se não um conjunto de atos ou de idéias que os indivíduos encontram diante de si e que mais ou menos se lhes impõe? (MAUSS, 1999, p.11)

Atualmente temos vivenciado o “pipocar” de normas, diretrizes e caminhos que devem ser transitados e efetivados pelos museus do mundo inteiro para uma padronização efetiva de suas ações. E este fato pode ser denominado de institucionalização.

Esta institucionalização nada mais é que uma forma de organização. É a criação de determinações gerais ou regras para um determinado comportamento, e estes procedimentos produzidos são reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade ali representada. A nosso ver, é um modo de pensar, sentir e agir que encontramos preestabelecidos num grupo.

Cabe citar que o comportamento humano tem por característica a padronização, isto é, sempre que alguém alcança aquilo que deseja tende a repetir o comportamento adotado em novas situações, assim como tende a ser imitado pelos que o cercam, logo, como consequência, isto leva à padronização, à formação de usos e costumes e enfim, à institucionalização¹⁷.

Existem inúmeras formas de instituição, elas são organizadas sob o desígnio de regras e normas, e visam à ordenação frente às formas organizacionais, em essência, são as responsáveis pela organização e desenvolvem métodos que aperfeiçoam o desenvolvimento de suas atividades¹⁸.

Para entender as dinâmicas dos museus, podemos, ao debater com outras áreas da ciência, ver que temos vários tipos de instituição, como por exemplo as instituições políticas - que incluem órgãos e partidos políticos -, as

¹⁷ GEERTZ, 1978.

¹⁸ CONCEIÇÃO, 2002.

religiosas - que possuem nomes de acordo com a religião, podendo ser chamadas de igreja, templos, sinagogas, entre outros -, as educacionais - escolas e universidades-, entre várias outras. Porém, alguns mecanismos sem uma base física são igualmente considerados instituições, como o casamento, a linguagem, a família entre outros¹⁹.

Cabe mencionar que, o que caracteriza a instituição política²⁰ é o fato de ela compreender e reger as regras políticas e tudo que está relacionado à atividade política, que uma vez reconhecidas como legítimas tornam-se institucionalizadas.

Já o que caracteriza a instituição família, assim como fala-nos Ruth Silva (2001) é que a partir dela desenvolvemos nossa personalidade, por esse motivo é considerada a instituição social mais antiga do mundo. Social, pois é com ela que iniciamos o processo de socialização - através da interação com familiares e pessoas próximas -, sendo inseridos pelas pessoas que nos cercam em uma sociedade maior com que devemos interagir.

Então, voltando-nos para a instituição museu, que é a mais relevante para o nosso trabalho, é importante lembrar que ainda nos dias de hoje o referido termo está vinculado a algo ultrapassado como “velho”, “mofo” e “poeira”. Isto talvez se dê devido ao fato de o museu ainda estar distanciado da sociedade, ou por ter ficado, historicamente, simbolizando um templo de raridades e curiosidades, assim como nos *gabinetes de curiosidades* e nas *galerias de antiguidades*.

O museu, no desempenho de sua função social, atua atendendo a três linhas conceituais cujos desdobramentos envolvem o conhecimento, o manuseio das coleções e as relações, sendo estas: a aquisição, o processamento e a externalização. Ele enquanto instituição atua como agente social e é um local reconhecido como espaço de rememoração, pois interpreta os objetos - trabalhando assim no processo de significação dos mesmos -, institucionaliza a memória - compreendendo a nova contextualização dos bens

¹⁹ CONCEIÇÃO, 2002.

²⁰Dados obtidos no site: http://www.politicaparapoliticos.com.br/glossario.php?id_glossario=148 (Acessado dia 16-06-2012 às 21hs).

a partir de uma leitura museológica -, e é um lugar de estudo e comunicação - pois o museu exerce a disseminação da informação -, assim como “*configura um dos domínios institucionais que avalia e define a escolha dos bens da memória coletiva.*” (LIMA, 2008).

Logo, a instituição museu é considerada o terreno de produção, promoção e disseminação da Cultura e da Memória Social, pois é nela que se instauram as práticas e as representações culturais, de forma mais ou menos institucionalizada. É também o local onde se interpreta a memória que está incorporada aos objetos pertencentes às coleções museológicas.

Porém, assim como as outras formas de instituição, os museus também contam com formas de organização, ou seja, contam com diretrizes, normas e caminhos que buscam uma padronização das suas ações. Ele também tem determinações gerais e regras que regem seu comportamento e esses procedimentos são conhecidos pelos profissionais através de publicações, e logo, aceitos pelos mesmos.

Estas publicações indicam o modo de pensar, sentir e agir, como citado anteriormente, estabelecendo assim sistemas comuns para estas instituições. Dentre elas temos o livro “*Política de Segurança para Arquivos, Bibliotecas e Museus*”²¹ que em determinado momento fala acerca da documentação do acervo, falando que deve-se estabelecer uma política de aquisição e descarte pertinente as linhas de atuação da instituição, assim como ter um registro de todo o acervo recebido pela instituição - com a finalidade de que ele seja facilmente identificado -, sendo que este deve ser detalhado permitindo que cada item possa ser diferenciado dos demais, ser marcado permanentemente com uma numeração individualizada, fotografá-los em diferentes ângulos, manter o inventário da(s) coleção(s) atualizado, controlar a localização dos objetos, garantir a segurança da documentação do acervo, dentre outros.

Temos também a Lei nº7.287 que regulamenta a profissão de museólogo e que ao mesmo tempo expõe ações que devem ser realizadas dentro dos museus por tais profissionais, como no Art.3º(V, VI e VII) onde diz

²¹ Publicação feita pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu Villa-Lobos — Rio de Janeiro, no ano de 2006.

que o profissional de museu deve: “*coletar, conservar, preservar e divulgar, assim como planejar e executar a identificação e classificação dos bens, e por fim, promover estudos e pesquisas para com os mesmos*”.

E a Lei nº11.904, que institui o Estatuto dos Museus, em parágrafo único diz que:

Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

E no Capítulo II, Art.8º, fala que a criação e extinção de museus somente serão efetivadas por meio de documento público. E, ainda no Capítulo II, porém, Seção II, Art.19º fala que todo o museu deverá dispor de instalações adequadas as cumprimento das funções necessárias; Art.20º diz que a direção do museu, para assegurar seu bom funcionamento, deve cumprir o Plano Museológico, bem como planejar, coordenar e executar um plano anual de atividades. Já na Subseção I (Seção II do Capítulo II) Art.21º informa que os museus devem garantir a conservação e segurança dos acervos; Art.23º diz que os museus devem dispor de condições de segurança garantindo a proteção e integridade dos bens, usuários, funcionários e instalações, e em Parágrafo Único diz que “*cada museu deve dispor de um Programa de Segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.*”.

Na Subseção II (Seção II do Capítulo II) que fala acerca do estudo, da pesquisa e da ação educativa, fala-nos que os museus devem promover estudo de público e ações educativas. Porém, indo ao encontro das normas direcionadas aos acervos, chegamos à Subseção IV (Seção II do Capítulo II) esta direcionada aos acervos dos museus, onde fala-nos, no Art. 39º que é obrigação do museu manter a documentação atualizada, assim como registrada e inventariada. Já na Seção III, que fala-nos acerca do Plano Museológico, diz-nos no Art.44º que “*É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico.*” .

Porém, em determinado momento vemos que temos uma contrapartida em relação a o que nos é proposto, pois, ao mesmo tempo em que o Código de

Ética Profissional do Museólogo informa-nos no Art.8º/b que o museólogo deve em relação do patrimônio:

Seguir as normas aceitas internacionalmente (ICOM/UNESCO) no que tange à aquisição, documentação, conservação, exposição e difusão educativa dos acervos preservados nos museus, contribuindo para a salvaguarda das coleções e divulgação junto ao público; bem como em relação aos trabalhos museológicos extramuros.

No entanto, mesmo com tantos documentos e normas que regulamentam e indicam o melhor gerenciamento dos museu temos vivenciado um crescimento expressivo dos museus que não podem, não conseguem ou não querem seguir estas diretrizes, ou seja, que não se institucionalizam, ou segundo Hugues de Varine (2000) até mesmo assim não o desejam. Logo, podemos perceber que estamos vivenciando a chamada museologia diferente, ou seja, uma ideia diferente de museu e de seus objetivos, sendo este caracterizado como aquele que se diferencia da concepção predominante.

1.3 - A museologia diferente:

A Declaração de Caracas considera que, a "profissionalização do pessoal dos museus é uma prioridade que esta instituição deve encarar como premissa para contribuir para o desenvolvimento integral das populações". A esta recomendação traz a ideia de que a formação do museólogo deve "torná-lo capaz de desempenhar as tarefas interdisciplinares próprias do museu atual, ao mesmo tempo que, dotá-lo dos elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gestão eficiente e uma comunicação acertada".

Logo, o novo perfil profissional dos trabalhadores dos museus proposto pelos participantes do Seminário de Caracas, supõe a existência de um "novo museu". Porém:

Durante mais de um século o Museu permaneceu como uma instituição inquestionada. Local de "culto" e repositório do prestígio da sociedade dominante, o Museu ia difundindo a sua "coleção" a um "público" que se pretendia variado e que nela se revia ou não, mas, ao qual eram transmitidos os valores que as peças veiculavam. (CORDOVIL, 1993, p.12)

Já na segunda metade do século XX, com o surgimento de novos paradigmas sociais, econômicos e políticos, é que mudanças e paradigmas vem afetar todas as estruturas e instituições. Sendo que, a instituição museu não escapou destas mudanças.

Foi quando, em 1972, aproveitando o momento particular que se vivia no Chile, que o ICOM promoveu a Mesa Redonda de Santiago do Chile, tendo como tema “O desenvolvimento e o papel dos Museus no mundo contemporâneo”.

É já no tema deste encontro que podemos ver que se introduzem ideias inovadoras no que diz respeito à museologia, por um lado tem-se:

a ideia de que o desenvolvimento dos povos é algo que tem a ver também com os museus e, por outro, a ideia de que o Museu não é apenas repositório de coleções do passado mas que a sua acção tem que ver com a contemporaneidade. (CORDOVIL, 1993, p.13).

O texto final da declaração garante *"a necessidade de uma tomada de consciência pelos Museus da situação presente e a necessidade para estes de desempenhar um papel decisivo num mundo em transformação"*, logo, abrem-se as portas à existência de um museu diferenciado que se adapte e sirva as pequenas comunidades locais e regionais. Isto é:

Um museu que deve levar em consideração a totalidade da sociedade na qual ele está inserido, para se colocar a seu serviço e se organizar em consequência, e fica claro para os museólogos conscientes que o seu lugar na sociedade e o dos agentes sociais é o de buscar um conjunto de soluções provenientes de uma observação e de uma escuta das comunidades do entorno. (VARINE, 2008, p. 15)

Foi o desenvolvimento de tais experiências e mudanças no cenário museológico, que incentivou à primeira reunião internacional da Nova Museologia (Quebéc, 1984). Pouco tempo depois, realizou-se no México uma reunião que juntou alguns dos participantes de Quebéc entre outras pessoas, e, ao final desta assembleia publicou-se uma declaração conhecida como “*Declaratoria de Oaxtepec*”²².

Esta declaratória passa a definir claramente o novo tipo de Museu que é adaptado aos novos tempos, assimilando os conceitos de ecomuseologia e da nova museologia. Nela afirma-se que:

O museu tradicional produz-se num *edifício*, com uma *coleção* e para um *público* determinado. Trata-se agora de ultrapassar estes princípios substituindo-os por um *território*, um *património integrado* e uma *comunidade participativa*.” (DECLARAÇÃO DE OAXTEPEC, 1984)

Estamos então, de fato, perante uma nova concepção de museologia e um novo tipo de museu. Pois, passou-se a ter consciência de que é necessário fortalecer ações que integrem vontades políticas, a fim de preservar o patrimônio material e o desenvolvimento socioeconômico.

Entretanto o desenvolvimento passou a estar no centro das preocupações dos museus. Pode bem dizer-se que o desenvolvimento é agora o novo desafio.

Então, definido a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, o novo conceito de museu:

deitou abaixo as barreiras, entre o *objecto* e os seus *utentes* ao substituir o conceito de *público* pelo de *população* e *comunidade*; deixou de sacralizar o objecto ao mantê-lo no seu enquadramento histórico e ambiental, falando-se agora de *património integrado*, humanamente valorizado; e aboliu mesmo o conceito e a necessidade do *edifício*, substituindo-o por todo o *território* em que a *comunidade* exerce a sua actividade e influência. (CORDOVIL, 1993, p.15)

²² CORDOVIL, 1993.

Cabe salientar que, as ações destes novos museus se dão diretamente ligadas com as populações, pondo sempre em primeiro plano a liberdade e a criatividade das próprias comunidades, ou seja, se faz *com* a população. De fato:

as linguagens utilizadas devem ser variadas e facilmente descodificáveis por todos os públicos de modo a que a comunicação seja eficaz e tenha utilidade. Além de que a comunicação no museu deve ser sempre entendida como um processo multidireccional e interactivo capaz de manter um diálogo permanente que contribua para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuos. (CORDOVIL, 1993, p.17)

E, um fato que fica evidente tanto na Declaração de Santiago quanto na de Oaxtepec, é que ambos insistiam em dois itens a respeito do pessoal do museu, sendo: a participação da população e a formação de novos profissionais sensíveis as atuais problemáticas, ou seja, capazes de se integrar nas comunidades e partilhar com elas as responsabilidades dotando assim de um saber interdisciplinar.

Mas esses novos museus, por vezes de iniciativa local, ainda constituem uma minoria, mesmo tendo se multiplicado em quase todos os países do mundo nos últimos anos. Eles são geralmente pequenos, logo, eles não podem absolutamente imitar os grandes museus²³.

Cabe lembrar que Hugues de Varine fala-nos que é grande o aparecimento, desde a década de 90, de uma geração de museus e iniciativas comunitárias, e estes estão à procura de respostas para algumas tensões. Fora do Brasil, mais especificamente em Portugal - através do MINOM²⁴ e após uma conferência realizada no ano de 1984²⁵ que reuniu profissionais de várias partes do mundo que partilhavam pensamentos acerca da Nova Museologia, estas que davam-se em oposição as metodologias tradicionais da museologia:

²³ VARINE, 2008.

²⁴ *Movimento para a Nova Museologia* criado em 1985 em Lisboa, no decorrer do 2.º atelier Internacional de Nova Museologia. Este é um agrupamento de membros organizados em termos de associação publica sem fins lucrativos. São associações ou conselhos internacionais que se dedicam a museus e profissionais de museus numa determinada região. (<http://www.minom-portugal.org/>, acessado em 15-06-2012 ás 11h53min)

²⁵ O 1.º Atelier Internacional dos Ecomuseus/Nova Museologia, Quebec, Canadá.

oficializa-se em Lisboa um movimento associativo que defendia uma resposta museológica diferente da museologia institucionalizada, buscando assim um museu aberto em constante diálogo com as comunidades e territórios." (CARVALHO, 2012, p?)²⁶.

Vindo para a esfera nacional, é importante citar o caso do Ecomuseu de Santa Cruz - comunidade do Rio de Janeiro -, onde a comunidade desta localidade, em reação ao impacto da mudança, criou caminhos novos para um processo de preservação da sua identidade cultural. Ela reinventou a museologia passando a usar da museologia diferente, esta construída nas suas lutas contra o abandono, o esquecimento e a exclusão.

Essa comunidade entendeu que apoiando-se no patrimônio espalhado por este território - marcos importantes da sua história -, ela encontraria ali fatores de coesão e sobrevivência como grupo. Portanto, a história da construção deste museu confunde-se até mesmo com a história da resistência e do desenvolvimento da sua nova identidade cultural, e foi somente a partir da consciência disso, que os atores sociais puderam criar e desenvolver projetos envolvendo as parcelas da sociedade local²⁷.

E foi essa ação museológica que:

colocou a comunidade numa esfera mais ampla de relações e trocas, saindo do seu núcleo duro de resistência para desenvolver-se além dos limites do bairro, da cidade, sob olhares atentos de observadores e experts que aprendiam também com a experiência santacruzense.²⁸

Já em âmbito regional, através do conhecimento empírico adquirido ao longo da graduação, tornou-se perceptível que temos bons exemplos desta museologia, ou seja, desta forma diferenciada de se gerir os museus.

²⁶ Dados obtidos através de publicação feita por Ana Carvalho em seu blog "No Mundo dos Museus" em 14/05/2012, esta que é Mestre em Museologia pela Universidade de Évora e Doutoranda em Museologia na mesma universidade. (<http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/4724>, acessado em 15-06-2012 ás 11hs)

²⁷ Dados obtidos através da publicação: Museu e Educação: Conceitos e Métodos. MAE/USP – São Paulo – 20 a 24 de agosto de 2001.

²⁸ Dados obtidos através da publicação: Museu e Educação: Conceitos e Métodos. MAE/USP – São Paulo – 20 a 24 de agosto de 2001.

E indo ao encontro do que Ana Silva Bloise nos fala:

Podemos dizer que a gestão da maioria desses museus é feita através desta fórmula: muita boa vontade, poucos recursos financeiros e humanos e quase nenhum acesso a tecnologias.(BLOISE, 2011, p.46)

Então, como vimos em um primeiro momento, as dimensões de território e comunidade são essenciais neste museu diferente, por sua vez, como fonte de materiais colocados em cena pelo museu. Em seguida, notamos o caráter original e único de cada iniciativa, que não pode se moldar num regulamento administrativo ou numa definição muito estrita.

Logo, podemos extrair destes dados que a nova museologia incluiu e transformou em profundidade a instituição museológica para ligá-la ao território, à comunidade, ao patrimônio e em geral à vida cotidiana.

CAPÍTULO 2: OS PROCESSOS DE GESTÃO DOS MUSEUS.

Neste segundo capítulo partiremos para o objeto de pesquisa, apresentando assim o porquê da escolha de ambos os museus, seguido de uma explanação sobre suas particularidades, contextos e histórias e logo após quais são estes locais, suas histórias e características. Em um segundo momento, apresentaremos os dados obtidos e em seguida, analisaremos estes dados buscando respostas às perguntas lançadas no início deste trabalho.

2.1 – A escolha:

Os museus pesquisados para fins da investigação proposta nesta pesquisa foram: o Museu Gruppelli (MG) e o Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Ambos escolhidos devido a vários fatores, dentre eles a realização de estágios por parte da autora deste trabalho em ambas as instituições, e por conhecimentos empíricos que a fizeram pensar sobre as dinâmicas dos dois museus.

Tornou-se perceptível após os estágios, sucedidos de reflexões sobre estes, que ao mesmo tempo em que as instituições se igualavam no discurso expositivo, elas se diferenciavam fundamentalmente nas formas de gerir suas coleções.

Logo, o que norteou a escolha deste tema foi o fato de percebermos que um dos museus – no caso o Museu Gruppelli - não segue todos os padrões de gestão de acervos que aprendemos na academia ao longo da graduação, assim como o fato de este, a cada novidade e anseio da comunidade em que

está inserido, ter que parar e refletir sobre a melhor forma de agir, não conseguindo assim seguir a “receita de bolo” escrita nos textos da área.

O elemento determinante para a escolha dos museus a serem comparados, foi o fato de que mesmo cumprindo a mesma função e por vezes desempenhando as mesmas atividades, cada um deles conta com necessidades diferentes e modos de operar frente às necessidades do dia a dia diferenciados.

Como citado anteriormente, eles se igualam no discurso expositivo, isto dá-se devido ao fato de ambos falarem a cerca da colonização de localidades mesmo estando localizados em regiões diferentes, pois, o MG localiza-se na cidade de Pelotas e o MADP na cidade de Ijuí, porém, ambos no Estado do Rio Grande do Sul.

Cabe lembrar que elencamos como base a Gestão de Acervos, que trabalha diretamente com a aquisição, salvaguarda e comunicação – o tripé da museologia -, logo, dentro do processo de aquisição analisaremos a Política de Aquisição e o Regimento Interno de cada instituição. No âmbito da salvaguarda a Documentação Museológica, Acondicionamento do Acervo em Reserva Técnica, Prédio destinado ao Museu e suas Dimensões assim como a Segurança do local expositivo e o Plano Museológico. Já em relação à comunicação, o Livro de Registro de Visitantes.

Logo, analisaremos as formas de se gerir um museu a partir da ótica da padronização das ações realizadas nestas instituições.

2.2 – Os museus:

Como vimos anteriormente, a pesquisa se dá no MG e MADP, e leva em consideração a gestão de acervos, logo, é importante explicar ao leitor um pouco sobre a história e as peculiaridades de ambos.

2.2.1 - Museu Gruppelli:

A família Gruppelli, oriunda de Mantova - cidade localizada no norte da Itália - (JESKE, 2000), estabeleceu-se em Pelotas por volta do século XIX adquirindo terras na Colônia Municipal da cidade (7º distrito). Onde, além das atividades agrícolas, instalou uma casa comercial e um restaurante para viajantes, inaugurada “*em 1925, (...) agora Casa Gruppelli: restaurante, hotel, centro administrativo e tantas outras funções.*” (JESKE, 2000)

Atualmente esta localidade está inserida em um circuito de turismo rural (VIEIRA, 2007), onde mantém viva a tradição de ser um “ponto de encontro” de imigrantes, como podemos ver no trecho a seguir:

A saudade de sua terra natal e inúmeras dificuldades encontradas neste rincão fizeram do estabelecimento de Arcádio, casa comercial e restaurante para viajantes, um autêntico ponto de encontro de outros imigrantes italianos e alemães. (JESKE, 2000, p.28 e 29)

Cabe mencionar que também é um procurado lugar de veraneio, sobretudo nos finais de semana, e, assim como toda casa comercial do interior, esta também tinha um salão de bailes e reuniões, mas, diferenciando-se dos demais, em seu teto tinha – e tem - representada a bandeira brasileira. Obra executada em 1932 por Declésio Possas (JESKE, 2000).

FIGURA 1: A bandeira nas dependências da família Gruppelli.



FONTE: Acervo da autora

Este local também era utilizado como sede do Grêmio Social Boa Esperança, onde muitos saraus foram realizados. E assim como informa-nos Eliséte Jeske:

Com a frequência de festas e bailes realizados pelo Boa Esperança, os irmãos Gruppelli, no dia 12 de julho de 1936, criaram um “parque”, junto à sede, para o lazer das moças e velhos. (JESKE, 2000, p.39)

O qual pode ser visualizado na imagem a baixo:

FIGURA 2: Parque para o lazer.



FONTE: Acervo da autora

Porém foi somente com a implementação da Rede Ferroviária (entre 1930 e 1945) e com os aspectos geográficos atrativos da região, que se deu início ao fluxo de veranistas, ou seja, ao turismo, este favorecendo a família Gruppelli economicamente.

Com a conscientização frente ao desenvolvimento do turismo na Zona Rural de Pelotas, a família passou a buscar inovações para atrair turistas²⁹. Foi então, em 1997, que o fotógrafo Neco Tavares, juntamente com a professora Neiva Acosta Vieira, empenhou-se na pesquisa e busca de objetos trazidos pelos imigrantes ou que fossem significativos para a história do local.

Trabalho árduo, mas compensador. Neco Tavares atingiu seu objetivo. Trocou por meses sua residência na cidade pela casa dos Gruppelli. Limpou, pintou, fotografou, organizou, finalmente, o Museu Gruppelli, um pedacinho da história dos imigrantes". (JESKE, 2000, p. 55)

Em 1998, com o objetivo de preservar os diversos referenciais de memória da região, se deu a criação do Museu Gruppelli, por uma iniciativa da própria família, respaldada por pessoas como Neco Tavares e Neiva Vieira, que não são da colônia, embora tenham forte vínculo com a família. Contando com:

objetos de trabalho, adornos, utensílios domésticos, peças representativas de momentos importantes pelos quais passou essa comunidade (o primeiro gabinete dentário, a cadeira de barbeiro que durante muitos anos serviu à comunidade), estão documentos comerciais, diários, fotografias, cartas, etc. (Projeto de pesquisa do Museu Gruppelli denominado - Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico, 2008).

O Museu está instalado em uma antiga propriedade da família junto ao parque, em um prédio de dois andares, construído no início do século XX³⁰. Esse prédio foi construído, mais precisamente na década de 1930 com o objetivo de abrigar á adega da família no térreo e a hospedaria no segundo andar – esta construída anos mais tarde -, *"foi originalmente denominado Villa Silvana em homenagem à Silvana Araújo Gruppelli, esposa do fundador Hermógenes Gruppelli"* (VIEIRA, 2009).

²⁹ LESKE, 2000.

³⁰ Dados obtidos através de publicação nos anais do evento "I Seminário de História e Patrimônio: Diálogos e Perspectivas nos dias 28, 29 e 30 de Setembro de 2011 – Campus Carreiros, FURG.

FIGURA 3: Prédio que abriga o MG



FONTE: Acervo da autora

É constituído por vários espaços, estes adaptados para serem utilizados como local expositivo - logo, não contam com uma climatização adequada para a conservação dos seus acervos -; porém “*se, internamente ocorrem variações, no exterior essas mudanças praticamente não acontecem, ou seja, a característica original do prédio tem sido priorizada ao longo do tempo*” (VIEIRA, 2009).

E, mesmo aparentemente o lugar permanecendo o mesmo a sua situação mudou. Essas mudanças deram-se em razão até mesmo da dinâmica do lugar, o que mostra que o local não está restrito a ele próprio, pelo contrário, comprova que vai muito além estabelecendo vínculos com a cidade e com os demais museus etnográficos da região³¹.

Em relação a Reserva Técnica, cabe mencionar que o MG tem uma reserva técnica que se equivale a um depósito, pois não possui os parâmetros mínimos de RT. O clima neste espaço também é diferente, assim como no

³¹ O museu faz parte de um circuito de museus étnicos localizados na Serra dos Tapes, assim como o Museu da Colônia Maciel, Museu da cidade de Morro Redondo e Museu de Etnia Francesa.

espaço expositivo, e os objetos parecem ter se “adaptado”, ou entrado em equilíbrio, com o ambiente ao longo do tempo.

Foi à especialização deste local que atraiu profissionais e estimulou a elaboração de trabalhos acadêmicos e projetos, dentre eles o projeto de extensão denominado “Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico” que teve inicio no ano de 2008 – completados exatos 10 anos do museu.

O projeto surgiu a partir de uma forte demanda local e pelas fragilidades de manutenção e gerenciamento das coleções. Baseou-se na necessidade de coordenar as ações necessárias á adequação e organização do MG. Suas atividades buscam qualificar o espaço e as ações museológicas, reforçando assim a identificação da comunidade local com a sua história. Já “*as ações estabelecidas buscam, invariavelmente, uma gestão patrimonial compartilhada ou, em outros termos, a co-gestão patrimonial entre os agentes envolvidos no processo.*”³². Pois entende-se que, somente a partir desta dinâmica, haverá a possibilidade de fortificação dos elos identitários entre o museu e os atores-sociais que vivem e convivem com aqueles objetos, em seu contexto espacial e geográfico.

Logo, o trabalho desenvolvido almeja que o MG seja um espaço de encontro, de reflexão e uma ferramenta de mobilização da comunidade local.

A equipe formada foi composta por docentes e discentes da UFPel com vistas de realizar um diagnóstico da instituição.

³² Dados obtidos através de publicação nos anais do evento “I Seminário de História e Patrimônio: Diálogos e Perspectivas nos dias 28, 29 e 30 de Setembro de 2011 – Campus Carreiros, FURG.

Como referência a este planejamento, lançamos mão do Roteiro Prático de Museologia que versa sobre Gestão Museológica. (...) cunhamos um modelo de diagnóstico adaptado às nossas exigências cujo objetivo foi confeccionar um levantamento das condições atuais do Museu, refletindo sobre as seguintes linhas de atuação museológica: número de visitantes, gestão do acervo, segurança física, condições da exposição e serviço ao usuário.

Como resposta ao diagnóstico, obtivemos os seguintes indicativos que serão listados abaixo:

Ao entrar no museu pudemos defini-lo, a priori, como um gabinete de curiosidades, onde os objetos estão expostos de maneira não contextualizada, de forma “poluída” por conta de um amontoamento e, na mesma medida, desprovida de uma linguagem expográfica, iconográfica e explicativa. (Projeto de pesquisa do Museu Gruppelli denominado - Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico, 2008).

As atividades continuam em desenvolvimento, afinal, o museu está em constante transformação. No início (2008), optou-se por dividir o espaço destinado a exposição em núcleos temáticos onde os objetos foram contextualizados passando assim a dialogar, de forma direcionada com o visitante. É importante citar que a comunidade esteve sempre inserida no processo, o museu ficava sempre com as portas abertas, em caso de algum visitante entrar o trabalho parava e iniciava-se uma conversa tendo como finalidade saber o que tinha a dizer sobre o local e os objetos.

Estas foram às primeiras ações realizadas por uma equipe especializada no MG. A partir deste reconhecimento do espaço e dos objetos ali salvaguardados foi iniciado o processamento técnico, sendo que inserido nele está à gestão documental, que trataremos especificamente no subcapítulo 2.3.

É importante ressaltar que a função do projeto foi apenas de um apoio técnico, pois, o processo de seleção patrimonial foi feito pelos moradores da comunidade onde o museu está inserido, logo, como o museu trabalha através de projeto de extensão, o fato de não ter funcionários permanentes pode vir a refletir na sua gestão.

2.2.2: Museu Antropológico Diretor Pestana:

O Museu Antropológico Diretor Pestana – MADP - teve como organizador e primeiro diretor o Dr. Martin Fischer, este que possuía o título de “Professor Benemérito pela Fidene” assim como de “Cidadão Ijuinense”³³.

O seu sonho era organizar um “Heimatmuseum” (casa Museu) de cunho antropológico, semelhante ao “Museu do Homem” de Paris.

Doando inicialmente o seu acervo pessoal de mais de 70.000 recortes de jornais distribuídos em pastas, e todas as suas pesquisas e objetos indígenas colhidos junto ao Alto Uruguai, que ele vinha reunindo ao longo dos anos, viu aos poucos, o seu sonho, se tornar uma realidade. (KRUG, 2012)³⁴

Nasceu em Konigsber, capital da Prússia Oriental, no ano de 1887. Possuía doutorado em Direito e, era capitão condecorado com “Cruz de Ferro” por serviços prestados a Alemanha³⁵. Em 1951 buscou um novo lar na cidade de Ijuí, passando a trabalhar nos jornais “Correio Serrano” e “Die Serra Post” fazendo traduções.

Foi através desse meio que ele conheceu Mario Osório Marques que o convidou para organizar um museu. Após este fato chegou o momento de encabeçar a ideia de fundar um museu, assim como conta-nos Márcia Krug:

³³ Artigo publicado dia 25 de Maio de 2012 pelo site:

http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug_artigo (Acessado 17-06-2012 ás 02h48min)

³⁴ Dados obtidos através de artigo publicado dia 25 de Maio de 2012 pelo site:

http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug_artigo (Acessado 17-06-2012 ás 02h48min)

³⁵ Artigo publicado dia 25 de Maio de 2012 pelo site:

http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug_artigo (Acessado 17-06-2012 ás 02h48min)

Chega o tempo de sonhar, sonhar com a organização do “Heimatmuseum”, lugar no qual também deixaria seu legado e suas “relíquias”.

Algumas “relíquias”, bem definidas, como a pequena máquina de escrever portátil, companheira inseparável de Charlotte na sua chegada a Ijuí, o velho terno usado em ocasiões especiais pelo Dr. Martin Fischer, as fotografias da infância e família de Charlotte na Europa.

E as suas “relíquias” sutis levando a muitas alternativas de interpretações. (KRUG, 2012)³⁶

A partir daí, Dr. Martin Fischer empregou suas forças para erguer o MADP, que esta abrigado no prédio que podemos visualizar abaixo:

FIGURA 4: Prédio que abriga o MADP



FONTE: Museu Antropológico Diretor Pestana

³⁶ Dados obtidos através de artigo publicado dia 25 de Maio de 2012 pelo site: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug> artigo (Acessado 17-06-2012 ás 02h48min)

Atualmente o Museu Antropológico Diretor Pestana é mantido pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – FIDENE. Foi criado em 25 de maio de 1961 junto ao Centro de Estudos e Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – FAFI. Tendo o objetivo de resgatar e preservar a memória regional e promover a cultura, a educação e o lazer³⁷.

O Museu salvaguarda documentos textuais, bibliográficos, iconográficos e sonoros, com a finalidade de resgatar e preservar a memória, assim como disponibilizar a informação a pesquisadores.

O acervo em um primeiro momento foi constituído por doações, e continua sendo até o presente momento, estando estes separados entre as Divisões do museu, sendo:

1. Divisão de Museologia: tem por objetivo salvaguardar e preservar o acervo dimensional. Comporta as seções de: arqueologia e antropologia, esta dividida nas subseções: povoamento, numismática, filatelia, índio missionário e índio brasileiro.

2. Divisão de Documentação: objetiva a guarda e preservação da documentação referente à: Fidene; ao município de Ijuí e outros municípios do Rio Grande do Sul; cooperativismo; sindicalismo e grupos indígenas Kaingang, Guarani e Xetá. Complementa ainda, a divisão, a hemeroteca com 24 títulos, sendo que o Correio Serrano e Die Serra Post estão microfilmados e digitalizados.

3. Divisão de Imagem e Som constituída por documentação envolvendo os assuntos da divisão anterior, mas tendo como suporte a fotografia, discos, fitas cassete, filmes e vídeo. (KRUG, 2012)³⁸

Como atesta a diretora do MADP, Stela Zambiasi de Oliveira, sobre o museu “muito do passado das gerações que por aqui passaram estão

³⁷ Dados obtidos em entrevista realizada com a atual diretora do MADP, Stela Zambiasi, no dia 25 de Janeiro de 2012 às 14hs.

³⁸ Dados obtidos através de artigo publicado dia 25 de Maio de 2012 pelo site: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug> artigo (Acessado 17-06-2012 às 02h48min)

preservadas pelo Museu. São peças museológicas e documentais que ao longo destes 51 anos foram preservados junto ao acervo”³⁹.

Possui sede própria, e conta com ambiente climatizado, oferecendo assim condições ideais para a conservação do acervo por ele salvaguardado.

A exposição de longa duração aponta aspectos da fundação e colonização do município, a imigração, as diferentes fases da agricultura e trabalho rural, os processos produtivos artesanais, comunicação e transporte, indústria e comércio, energia elétrica, serviços, esporte e lazer, ensino, religião, usos e costumes e moradia, além de contar com um espaço destinado às manifestações culturais da atualidade.

Cabe citar que, o museu:

mantém constante a preocupação em democratizar informações, conhecimentos, saberes, fortalecendo a troca de experiência, permitindo mediações pedagógicas, considerando também as experiências e expectativas dos professores e seu grupo de escolares e os programas curriculares. (ZAMBIAZI, 2012)⁴⁰

Desde sua fundação até os dias de hoje o museu se desenvolveu em vários aspectos, atualmente conta com oito técnico-administrativos e dois estagiários, sendo que sua equipe é composta por uma Museóloga, uma Educadora, uma Arquivista, um Técnico Fotográfico/Laboratorista, dois Assistentes de Pesquisa e Extensão Junior, uma Jornalista – Secretária, uma Administradora – Diretora e uma Auxiliar de Limpeza, Copia e Cozinha.

No que tange os espaços destinados ao processamento técnico e guarda, possui uma reserva técnica e espaço destinado à guarda de documentos textuais e bibliográficos, além de uma reserva específica para o acervo iconográfico.

³⁹ Artigo publicado dia 26 de Maio de 2012 pelo site: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35103-museu-antropologico-diretor-pestana-os-seus-51-anos-por-stela-zambiasi-> (Acessado 17-06-2012 ás 02h47min)

⁴⁰ Dados obtidos através de artigo publicado dia 26 de Maio de 2012 pelo site: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35103-museu-antropologico-diretor-pestana-os-seus-51-anos-por-stela-zambiasi-> (Acessado 17-06-2012 ás 02h47min)

Aqui se encontram alguns dos passos dados pela instituição e sua equipe ao longo destes 51 anos de fundação, e é a partir deste reconhecimento do espaço e dos objetos salvaguardados que passaremos então a analisar a sua forma de gestão documental no subcapítulo a seguinte.

2.3 – Dados obtidos:

Por já conhecermos os objetos desta pesquisa, direcionaremos nosso olhar especificamente para a gestão dos acervos.

Tanto o MG quanto o MADP tem a documentação do seu acervo dividida por Tipologias, como será exposto a seguir, porém, cada um com suas especificidades.

Logo da inserção do projeto em parceria com a UFPel, foi realizado no MG o primeiro levantamento do acervo, afinal, sabendo que o museu surge como iniciativa da comunidade de preservar seus artefatos e suas memórias, até o presente momento não tinha sido realizado nenhum trabalho técnico especializado que controlasse e afirmasse os objetos ali salvaguardados.

Tal arrolamento apontou a existência de aproximadamente (em 2008) 1200 objetos, porém, após a inserção de nova equipe de trabalho (em 2011) deu-se continuidade ao levantamento. Ação que apontou a necessidade de alguns pontos serem revistos, sendo assim, atualmente o MG conta com aproximadamente 1349 objetos arrolados.

Após esta etapa um segundo passo foi dado. Separou-se o acervo em cinco tipologias, sendo elas: Utilitário Trabalho, Impressos, Utilitário Esporte, Utilitário Doméstico e Utilitário Saúde.

Dentro de cada tipologia o acervo recebe uma sigla indicando a qual delas pertence, assim como, um número sequencial. O *Utilitário Trabalho* conta atualmente com 258 objetos, porém ainda sem o número novo – tem somente o de ordem corrida do arrolamento -, sem ficha catalográfica e sem fotografia. A tipologia *Impressos* conta com 423 objetos na mesma situação da tipologia

anterior. O *Utilitário Esporte* 75 objetos, porém, estes já com número novo (MGE 0001), fichas catalográficas preenchidas e fotografias feitas. No *Utilitário Doméstico* tem 368 objetos até o presente momento, sendo que 165 com ficha catalográfica e número novo (MGD 0001) e 73 fotografados. Já o *Utilitário Saúde*, conta com 91 objetos até o presente momento, todos sem ficha catalográfica, fotografia e número novo⁴¹.

O livro boneco está sendo passado a limpo, e em paralelo está sendo feita a conferência da numeração dos acervos, assim como da sua localização dentro da reserva técnica e espaço expositivo. E, conforme é feita essa conferência, o acervo é higienizado tal como o local onde o mesmo será acondicionado.

Indo ao encontro da forma de gestão utilizada pelo MG, podemos ver que o MADP também tem suas coleções divididas por tipologias, sendo assim, entre 1986 e 1987 foram estabelecidas Seções, que um pouco depois tornaram-se Divisões, cada uma responsável pelo acondicionamento e preservação de algumas tipologias específicas.

Atualmente possui três divisões: Divisão de Imagem e Som, de Documentação e de Museologia, sendo as duas primeiras responsabilidade de uma arquivista, já a última de uma museóloga, assim como a gestão de um museu como um todo.

Direcionando o olhar para gestão dos acervos da Divisão de Museologia, cabe citar que dentro dessa existe duas Seções: Seção de Arqueologia e Seção de Antropologia, porém a segunda divide-se em cinco subseções, sendo elas: Povoamento, Índio Brasileiro, Índio Missionário, Numismática e Filatelia.

Tais Seções e Subseções até o ano de 2012 ainda não possuíam nenhum documento que as instaurasse, existindo apenas “*de boca*”, foi então que a museóloga responsável pela divisão, juntamente com a direção do museu regulamentou-as, através de documentação interna⁴².

⁴¹ Dados obtidos através de ida a campo.

⁴² Como podemos ver no anexo 1.

A Seção de Arqueologia no ano de 2000 foi inventariada com a finalidade de determinar o número de peças que a compunha, logo, reconheceu-se que o museu conta com 24.217 peças arqueológicas.

Pesquisas localizaram cerca de 134 sítios arqueológicos, cujos estudos contribuíram para a seriação e datação da cerâmica no Rio Grande do Sul, pelo Instituto Anchietano de Pesquisas da UNISINOS. No ano de 2000, em convênio com a Fundação de Apoio à Tecnologia e Ciência, FATEC, de Santa Maria, foi realizado um inventário da Coleção Arqueológica do MADP a fim de determinar o número de peças e assim cumprir determinação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. (Dados obtidos através de entrevista realizada por e-mail com a Museóloga responsável pela Divisão de Museologia)

Já a Seção de Antropologia, por ser fragmentada em cinco Subseções e estar passando por um processo de reconhecimento do acervo, não é possível afirmar o número exato de objetos que a compõe. Porém, em um último levantamento realizado em 2007, foi apontado que a Subseção Povoamento conta com 4.082 objetos, a Subseção do Índio Brasileiro tem 286 objetos e 302 objetos na Subseção Índio Missionário, sendo que o acervo da Numismática e Filatelia não foi levantado.

Em relação a objetos ainda sem documentação, no MG não se tem o número preciso deles, porém, é importante explicar que o horário dos estagiários responsáveis por tal ação é diferenciado, considerando a abertura do museu, e por isso não existiu, até o presente momento, a possibilidade de realizar o arrolamento de todos os objetos ainda sem tombo, no entanto os mesmos estão acondicionados em RT.

Diferentemente do MADP que, desde o ano de 2005 não tem nenhum acervo tombado, descrito e acondicionado, pois, segundo entrevista com a atual museóloga da instituição, sua antecessora havia elaborado uma forma diferente de numeração dos acervos, assim como podemos ver no relato abaixo:

Desde 2005 nenhum acervo é tombado, descrito e acondicionado. Isso porque a antiga museóloga elaborou uma proposta para que o acervo ganhasse placas institucionais de numeração, afinal a mesma não entendia que a marcação

tradicional fosse a melhor forma de identificação. Por tal motivo os acervos foram ficando separados para que ganhassem placas metálicas, ação que nunca ocorreu.

Além de não terem sido identificados com numeração tais objetos não foram descritos e com o passar do tempo foram se misturando a outros, tombados antes de 2005, assim como com objetos de uso diário para as atividades do Museu.

Por tal motivo atualmente esta sendo realizado o levantamento da Reserva Técnica e a separação de todos os objetos que não contém número de tombo. (Dados obtidos através de entrevista realizada por e-mail com a Museóloga responsável pela Divisão de Museologia)

Ambas as instituições possuem ficha catalográfica⁴³ direcionada para seus acervos, com a finalidade de documentá-los individualmente e logo, ter acesso mais rápido as informações neles contidas intrínseca e extrinsecamente.

Em contraponto, somente o MADP possui Decreto de Criação, instaurado por Portaria da Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – FAFI de 25 de maio de 1961⁴⁴. Porém o MG no seu evento de inauguração “*contou com a expressiva participação de pessoas e instituições urbanas e rurais.*” (VIEIRA, 2009). Sendo esta iniciativa reconhecida pela Câmara Municipal de Pelotas que enviou à Neco Tavares e a família Gruppelli “*votos de “Cumprimentos e Congratulações” pela iniciativa de inaugurar o Museu Gruppelli.*” (VIEIRA, 2009).

Somente o MADP possui Regimento Interno, aprovado através da Resolução do Conselho Diretor nº 04/2001, que a instituição anseia revisar até o final de 2012, prazo que tem também para a elaboração do Plano Museológico⁴⁵.

No RI o MADP expõe seu Organograma, que será revisto no momento da elaboração do Plano Museológico da Instituição, sendo que, deixa claro quem é submisso a quem, assim como sua mantenedora. Cabe mencionar que

⁴³ Assim como podemos ver nos anexos 2 e 3.

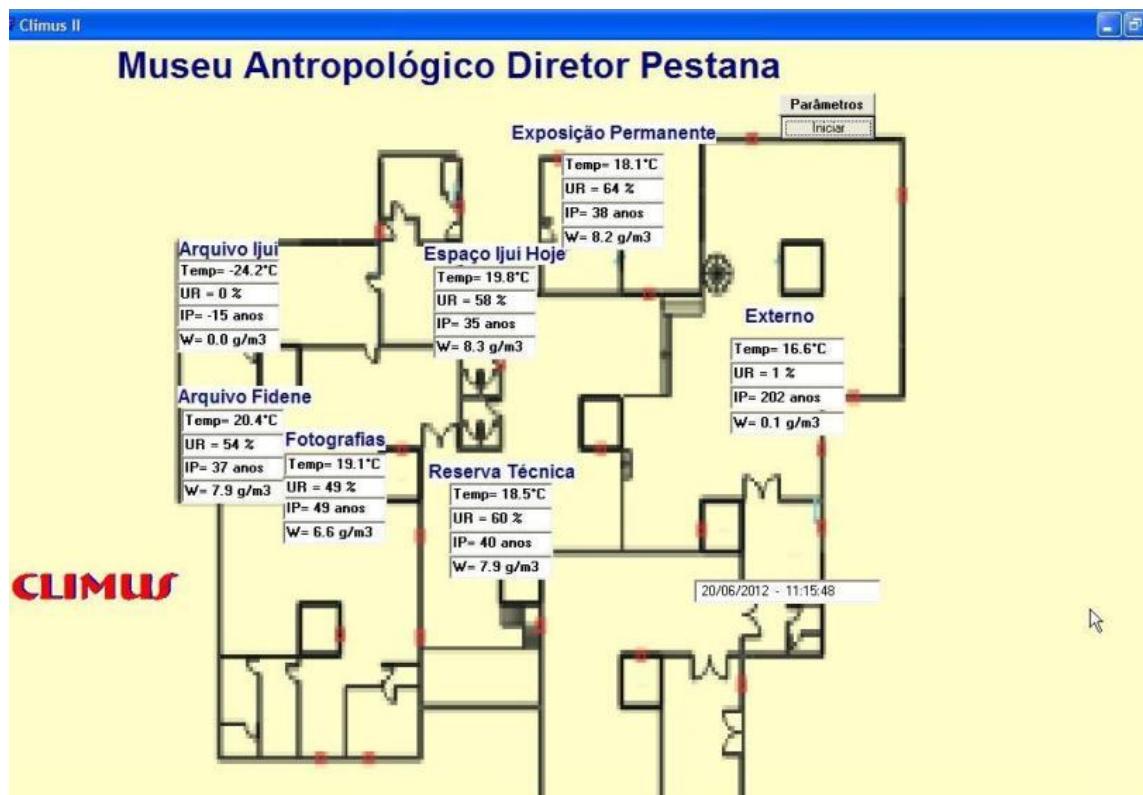
⁴⁴ Dados obtidos em entrevista realizada com a atual diretora do MADP, Stela Zambiazi, no dia 25 de Janeiro de 2012 às 14hs.

⁴⁵ Dados obtidos em entrevista realizada com a atual diretora do MADP, Stela Zambiazi, no dia 25 de Janeiro de 2012 às 14hs.

não possui Plano Museológico de acordo com a estrutura definida no Estatuto dos Museus⁴⁶, porém, pretende fazê-lo até o final de 2013, prazo dado pelo Estatuto.

Em relação ao espaço ocupado por cada museu, o MADP conta com uma área total de 1.618m²⁴⁷, todo climatizado e controlado por um banco de dados denominado “*Climus*”, como podemos ver na imagem a seguir.

FIGURA 5: *Climus*



FONTE: Museu Antropológico Diretor Pestana.

O MG possui uma área de exposição com 98,2m², Reserva Técnica com 15,2m² e um segundo pavimento com 10,1m²⁴⁸, porém seu ambiente não é climatizado, diferenciando-se do MADP.

⁴⁶ Lei 11.904.

⁴⁷ Como podemos ver no anexo 4.

⁴⁸ Como podemos ver no anexo 5.

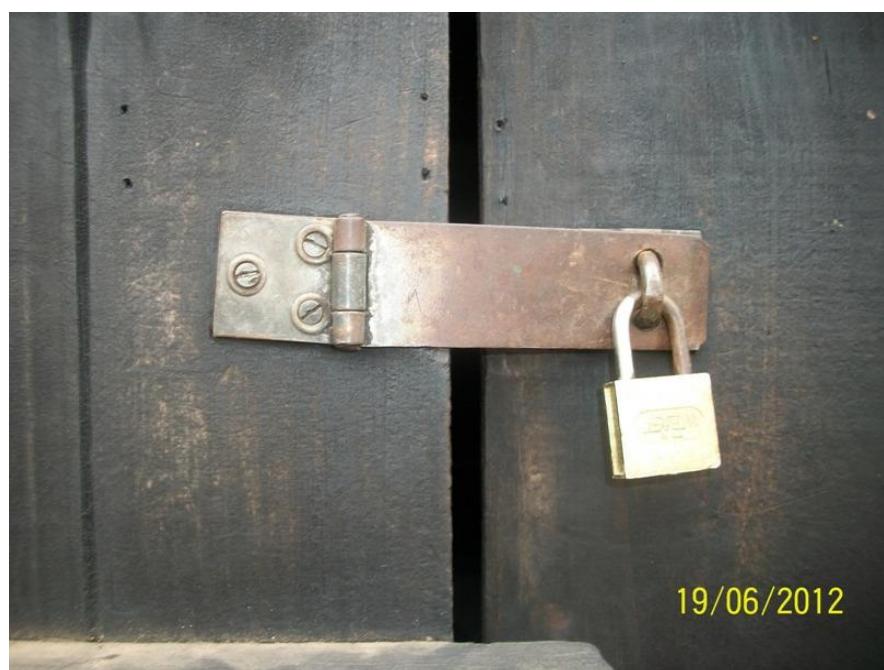
Ainda falando acerca dos espaços destinados ao museu, direcionamos nosso olhar a segurança destes locais, logo, podemos verificar, através das imagens a seguir, que o MG não conta com uma segurança efetiva, diferentemente do MADP que vê este ponto como de suma importância.

FIGURA 6: Alarmes no MADP



FONTE: Luciana Silveira Cardoso.

FIGURA 7: Cadeado do MG



FONTE: Acervo da Autora.

Em relação à salvaguarda de acervos em RT, vemos que ambos se diferenciam novamente, como nas imagens abaixo:

FIGURA 8: Reserva Técnica do MADP



FONTE: Luciana Silveira Cardoso

FIGURA 9: Reserva Técnica do MG



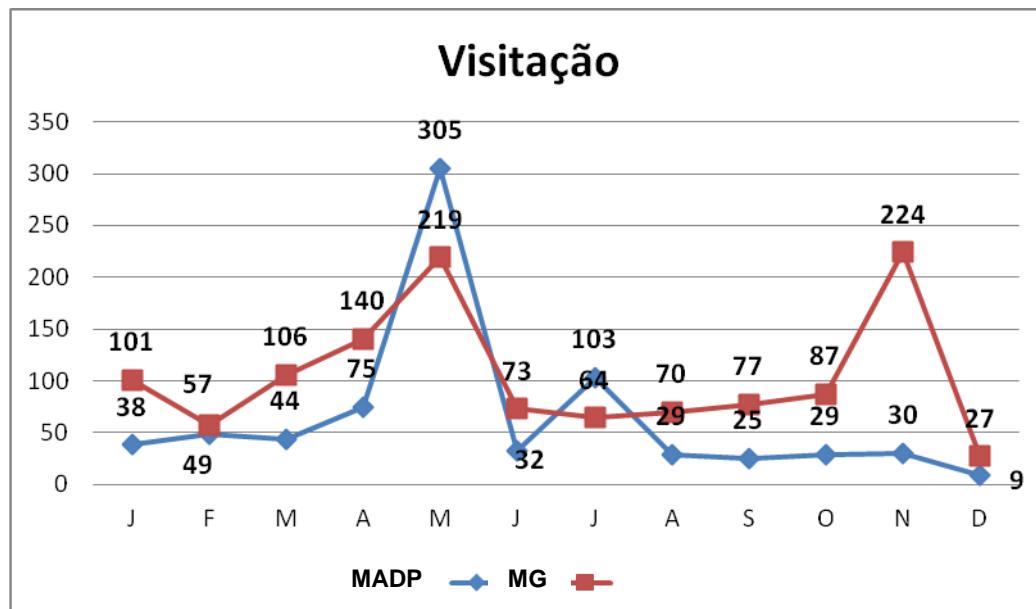
FONTE: Acervo da autora

Em vistas da diferença exponencial em relação à quantidade de acervos que cada museu salva-guarda, entre tantos outros dados que foram expostos neste subcapítulo, podemos perceber que mesmo se diferenciando de tal forma ambos seguem padrões de ações para gerir suas coleções, um tentando seguir os padrões até então aceitos pelos manuais de museologia, e outro as gestionando de forma diferenciada, pois precisa estar sempre aberto para as dinâmicas e anseios de uma comunidade.

Então, abaixo faremos uma breve análise do livro de registro de assinaturas de cada museu baseando-nos nas visitas realizadas de janeiro a dezembro do ano de 2011. Com a finalidade de verificar se mesmo com a gestão diferenciada de cada local, a visitação do público sofre influências.

Cabe mencionar que o MADP está diretamente vinculado a Universidade da cidade de Ijuí, logo, tem uma visitação de escolas e turmas de alunos em grande escala, por este motivo o público escolar não será contabilizado juntamente com o público geral, afinal, estas visitas são feitas com outra finalidade.

GRÁFICO 1: Comparativo de visitação



FONTE: Acervo da autora.

Fazendo a somatória destas visitas tem-se, ao longo do ano de 2011, 729 visitas no MADP, e 1245 visitas no MG. Porém, é de suma relevância esclarecer que, os museus contam com públicos distintos e que se dirigem ao museu com anseios diferenciados.

O MG, como dito no subcapítulo anterior, tem um restaurante e parque de lazer próximo a seu prédio, onde as pessoas da área urbana da cidade deslocam-se até a zona rural para visitar e, as vezes, como consequência, dirigem-se ao museu.

Em contraponto ao MADP, que conta com um público grande de turistas, porém, pessoas estas que se deslocam a tal local somente com o objetivo de visitá-lo, pois não tem outro atrativo próximo como acontece no MG.

Esse subcapítulo existiu para apontar as diferenças e semelhanças entre os dois museus pesquisados. Expõe informações que servirão como base para responder os questionamentos feitos no início deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como mencionamos no decorrer da monografia, a gestão engloba vários parâmetros que planejam, organizam, dirigem e controlam as dinâmicas efetuadas dentro dos museus. Estas que estão diretamente relacionadas, sobretudo, ao acervo, instalação, equipe, entre outros.

Centramos-nos nas formas de se gerir um museu, ou seja, nos aspectos ditos fundamentais das atividades museais.

Mencionamos como se deve proceder em relação a gestão museológica usando como base documentos que buscam normatizar as atividades desenvolvidas nestas instituições, e que oferecem orientações legais aos profissionais atuantes nesses espaços, sendo eles: o Estatuto dos Museus, o Código de Ética para Museus do ICOM e o texto “Política de Segurança para Arquivos, Bibliotecas e Museus”.

Nossa intenção inicial ao realizar essa análise era responder por que os museus não institucionalizados estão à margem dos movimentos de padronização de ações, assim como, quais são as peculiaridades que fazem com que não consigam acompanhar o que é proposto e se eles devem ou não se institucionalizar.

Em vistas da diferença exponencial em relação à quantidade de acervos que cada museu salvaguarda, entre tantos outros dados que foram expostos neste trabalho, podemos perceber que mesmo se diferenciando de tal forma ambos seguem padrões de ações para gerir suas coleções, um tentando seguir os manuais de museologia, e outro gestionando de forma diferenciada, pois precisa estar sempre aberto para as dinâmicas e anseios de uma comunidade.

Foi possível averiguar que os museus não institucionalizados encontram-se à margem das padronizações, pois, adaptando-se poderão até mesmo deixar de ser museu, pois não poderá trabalhar com as dinâmicas sócias da comunidade em que está inserido.

As particularidades destes museus são muitas e de suma importância para a sua sobrevivência. É com elas que ele consegue manter a comunidade sempre ligada a si e dentro dos processos que nele se dão. Essas são: a forma de aquisição de objetos, o horário de abertura, a vinculação econômica, entre outros.

E, pensando se ele deve ou não se institucionalizar, esta foi, e continua sendo, a resposta mais difícil. Mas podemos dizer que não é uma obrigação de todos os museus passarem pelo processo de institucionalização, pois, mesmo com todas as diferenças, o novo museu consegue cumprir a função de adquirir, processar e comunicar os dados relativos aos seus acervos.

O único fato que o diferencia é que nem sempre estes processos se dão da forma colocada nos documentos estudados na academia ao longo da graduação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLOISE, Ana Silvia. "O desafio da gestão dos pequenos museus", **MUSEUS: O que são, para que servem?** - Sistema Estadual de Museus – SEM SP (organizador). 1ª edição, Brodowski, 2011. Pág 44 á 49.

CAZELLI, Sibele; MARANDINO, Martha e STUDART, Denise Coelho. **Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática.** EDUCAÇÃO E MUSEU: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro, 2003. Pág.21 á 46.

CONCEIÇÃO, Octavio A. C. **O conceito de instituição nas modernas abordagens institucionalistas.** Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CORDOVIL, Maria Madalena. **Novos Museus, Novos Perfis Profissionais.** CADERNOS DE MUSEOLOGIA Nº1, 1993. Pág. 12 á 19.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso. **Museología y museografía.** 2ª ed. 2001, Barcelona. Ediciones del Serbal.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Págs. 13-41

GIRAUDY, Danièle. **"O museu e a vida"** / Danièle Giraudy, Henri Bouilhet; Tradução Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. - Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro - RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990. 100p.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – **Manual de Museología.** Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

JESKE, Elizéte. **Gropelli / Grupelli: 125 anos no Brasil.** Pelotas: UFPel, 2000.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a Instituição museu.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST. MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO, 2008.

MAUSS, Marcel. **Ensaios de Sociologia** or. ed. de Minuit, 1968. ed. Perspectiva, S. Paulo 1999. Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Ruth Helena do Nascimento Vasconcelos. **Aspectos Relevantes Sobre a Família e os Conflitos Familiares Presentes na Sociedade Atual**. Belém, 2011.

VALENTE, Maria Esther. **A Conquista do Caráter Público do Museu. EDUCAÇÃO E MUSEU: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência**. Rio de Janeiro, 2003. Pág.21 á 46.

VARINE, Hugues. **A Nova Museologia: Ficção ou realidade**. MUSEOLOGIA SOCIAL. Porto Alegre. EU/Secretaria Municipal da Cultura, 2000. Pág 21 á 34.

_____ **Museus e Desenvolvimento Social: balanço crítico**. Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento: Propostas e Reflexões Museológicas / coordenação Maria Cristina Oliveira Bruno, Kátia Regina Felipini Neves. – São Cristóvão: Museu de Arqueologia do Xingó, 2008. 210 p.: II.

VIERIA, Margareth. **Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, 2009.

Anais do evento “I Seminário de História e Patrimônio: Diálogos e Perspectivas nos dias 28, 29 e 30 de Setembro de 2011 – Campus Carreiros, FURG.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO MUSEÓLOGO.

DECLARAÇÃO DE CARACAS, ICOM, 1992.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1984.

DECLARAÇÃO DE OAXTEPEC, 1984.

LEI N° 7.287, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1984.

LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009.

MESA-REDONDO DE SANTIAGO DO CHILE, ICOM, 1972.

Política de Segurança para Arquivos, Bibliotecas e Museus / Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu Villa-Lobos — Rio de Janeiro : MAST, 2006. 122 p.

Artigo: Museu Diretor Pestana: os seus 51 anos – Por Stela Zambiazi. Disponível em: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35103-museu-antropologico-diretor-pestana-os-seus-51-anos-por-stela-zambiazi->. Acessado 17-06-2012 ás 2h47min.

Artigo: Os 51 anos do MADP: A história de seu fundador, Martin Fischer – Por Márcia Krug. Disponível em: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/35086-os-51-anos-do-madp-a-historia-de-seu-fundador-martin-fischer-por-marcia-krug>. Acessado 17-06-2012 ás 2h47min.

Fontes Documentais:

Projeto de pesquisa denominado Revitalização Museológica do Museu Gruppelli: em busca de um museu etnográfico, 2008.

Regimento Interno do Museu Antropológico Diretor Pestana, 2002.

Fontes Orais:

Entrevista realizada com a atual diretora do MADP, Stela Zambiazi, no dia 25 de Janeiro de 2012.

Entrevista realizada com a atual Museóloga do MADP, Luciana Silveira Cardoso, no dia 19 de Junho de 2012.

ANEXOS